

AUTOBIOGRAFIA DE ESCRITORAS DE ALAGOINHAS: PROCESSOS DE (AUTO) FORMAÇÃO E (RE) SIGNIFICAÇÃO

Gislene Alves da Silva⁸

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Morreira

Resumo: Trata-se de considerações acerca da (auto) formação de escritoras a partir das narrativas (auto)biográficas, atentando tanto para o texto “vivo” (PÉREZ, 2006) carregado de sentidos concretos e subjetivos quanto para a sua condição de reflexão e ação. O que podemos observar é que essas narrativas contemporâneas não se restringem apenas a lembranças de suas experiências, mas trata-se de processos de rememoração em que o sujeito vai se reconstruindo a partir da sua vivência. Desse modo, a pesquisa que ora se apresenta busca verificar como as narrativas autobiográficas das escritoras de Alagoinhas enquanto construto da (auto) formação dos sujeitos femininos criam condições para a (re) significação da sua história de vida. Espera-se, portanto, trazer para este texto as primeiras reflexões teóricas acerca da temática desse estudo que se encontra em fase inicial.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas. (Auto)formação. Escritoras de Alagoinhas. (Re)significação.

Virginia Woolf, na obra *Um teto todo seu* (1929), já sinalizava a ausência das mulheres no cenário literário, ao visitar as bibliotecas à procura de escrita de mulheres. Percebe-se então que o homem falava por estas, a partir do momento em que os vários textos que se referiam às mulheres eram escritos por homens. Desta forma, a sociedade atestava uma “inferioridade mental, moral e física do gênero feminino” (DUARTE, 2011, p. 234). Mas o que se podia observar era que os homens não eram detentores dos talentos da escrita, mas sim dos meios para desenvolvê-la, como nos diz Constância Duarte (2011). Para a autora muitas escritoras que “ousaram” a publicar seus textos, estes se perderam nos arquivos ou não passaram da primeira edição.

O espaço da escrita feminina muitas das vezes se resumia ao espaço doméstico, a escrita de diários, práticas utilizadas pelas moças desde o século XIX, dividiam espaços com as tarefas domésticas.

Esses escritos de caráter intimista foram considerados, por muito tempo, como papéis de valor duvidoso. Uma vez publicados, alimentaram uma rede em formação – a literatura nacional e, particularmente, a literatura de corpo feminino. O hiato entre escrever e editar revela parte das condições sócio-históricas enfrentadas para a edição de seus escritos, dentre eles, os de cunho pessoal como são os diários, os romances autobiográficos, os depoimentos, as memórias, algumas crônicas esparsas, os relatos de vida e as autobiografias (LACERDA, S/D, p. 2).

⁸ Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II, e-mail: galves11@hotmail.com

Hoje podemos observar é que nos últimos tempos há uma crescente multiplicação da escrita de si que não encontramos apenas no cenário literário, mas também em outros domínios das artes.

Pensando retrospectivamente, é no contexto dos anos 1960 que as escritas autobiográficas ganham evidência, ou seja, é nesse período que o mercado editorial em vários países do mundo passa a publicar registros pessoais de grupo minoritário (ao menos do ponto de vista de prestígio social), como negros, mulheres, homossexuais, prisioneiros, camponeses e outros (LACERDA, 2003, p. 40).

Segundo Lacerda (2003), a literatura do tipo memorialístico só foi reconhecida no Brasil recentemente, pois no final dos anos 80, essa modalidade de escrita ainda era desconhecida pelos estudos da historiografia da mulher, pela literatura brasileira e pelos estudos memorialistas, ganhando credibilidades em 1991 quando foi localizada e analisada uma produção da literatura de tipo autobiográfico.

A escrita de voz feminina autobiográfica ganha à cena na atualidade, abalando os obstáculos enfrentados pelas mulheres no exercício da escrita e desativando os processos de silenciamento impostos por um pensamento hegemônico que determinava a forma de ser e de viver do sujeito feminino.

Como a vida estar em constante movimentação, a escrita de si vem passando por modificações. Na atualidade alguns teóricos vêm chamando a atenção para o conceito de autoficção e como a primeira pessoa autobiográfica tem transpassado a prosa literária da América Latina. Podemos tomar como exemplo, a pesquisadora Diana Klinger, em seu texto intitulado *Escrita de si como performance* (2008), que debate como o conceito de autoficção torna-se um conceito específico da narrativa contemporânea.

Assim, o que podemos observar na explanação da autora, é que esse conceito abre para várias possibilidades expressos através de textos com referencial biográfico, personagens com nome dos autores, etc. Nesse emaranhado de histórias podemos encontrar autores que irão dizer que suas criações são puramente ficcionais, outros assumirão que utilizam da vida real para criar as histórias e personagens ou o personagem é o próprio autor, complexificando esta relação entre arte-ficção e vida.

Para Klinger (2008, p. 13), “A escrita de si é um sintoma da época atual” pois muitos romances contemporâneos tem se voltado para a experiência do autor em meio a uma sociedade que tem buscado a exaltação do sujeito, na qual a mídia tem contribuído de forma significativa para essa espetacularização da intimidade. Assim as experiências dos autores têm

servido como pano de fundo para os romances contemporâneos. Vejamos o que a escritora Conceição Evaristo nos diz:

Tem um conto em *Insubmissas lágrimas de mulheres* que quando eu acabei de escrever eu chorava, então ao mesmo tempo eu fico muito feliz porque eu sinto que eu me dou, é um exercício que me custa, mas é um exercício que é meu mesmo, parto da minha experiência parto da minha vivência, não que eu tenha vivido, até porque eu precisava ser mil pra viver, por exemplo, ali são 13 personagens, mas é um processo tão entrojado que tem tanto haver com a minha vivência de uma forma ou de outra. Talvez por isso eu posso dizer a nossa escrevivência⁹ (EVARISTO, 2012).

O conceito escrevivência utilizado pela escritora, diz de uma escrita que parte das experiências vividas pelo autor durante o percurso da sua vida. Conceição Evaristo ainda nos diz que a origem da sua escrita está relacionada com as experiências de oralidade que viveu no núcleo familiar, a origem da sua literatura está na convivência com os pais, na contação de histórias, sendo essas histórias inventadas (ficções) ou histórias do dia-a-dia, todas viravam depois um caso a ser narrado. Podemos dizer que escritas como a de Conceição Evaristo tornam híbridas as fronteiras entre o real e o ficcional. Na verdade, esse fragmento confirma que “o texto autobiográfico constitui-se, então, como um gênero com fins literários mais definidos, com forte apelo à narração em detrimento à descrição e, além disso, o estilo é mais pessoal e autorreferencial” (LACERDA, 2003, p. 40-41).

A narrativa (auto) biográfica, conforme Pérez (2006) é um texto “vivo” de um sujeito inserido em um dado contexto histórico e social, que nos revela os seus princípios, a sua forma de agir, criar, transformar constantemente o mundo, um texto carregado de sentidos concretos e subjetivos.

Assim, Philippe Lejeune (2008, p. 14) define autobiografia como sendo uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história da sua personalidade”.

A abordagem autobiográfica possibilita o entrelaçamento das histórias individuais com as histórias sociais, pois os sujeitos autores dessas narrativas são sujeitos ativos que se apropriam do mundo social que está a sua volta dando-lhes sentidos diversificados, que por sua vez, são traduzidos em suas práticas se manifestando na sua subjetividade. Assim “a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa

⁹ Informações concedidas pela escritora no encontro realizado em março de 2012, na UNEB Campus II, durante evento intitulado, “Roda de conversa: Conceição Evaristo e Escritoras de Alagoins e Região”

se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (BUENO, 2002, p. 22).

A escrita da narrativa, enquanto ‘aprendizagem experiencial’, implica colocar o sujeito numa de formação, a partir das experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida e expressas no texto narrativo, porque as experiências que tratam de recordações-referências são constitutivas das narrativas de formação, contam sobre o que a vida ensinou e, também, no que concerne às aprendizagens experienciais em circunstancia da vida dos sujeitos em processo de formação (SOUZA, 2006, p. 141).

Neste embalo da escrita em primeira pessoa autobiográfica que permite ao narrador a visibilidade do seu próprio estilo e maior familiaridade com o literário, que trago para cena escritoras do interior da Bahia, que fazem uso dessa escrevivência nas suas construções literárias.

As escritoras de Alagoínhas através da memória autobiográfica escrevem sobre as suas condições de vida, “vivências do gênero feminino”, a interdição dos seus desejos de estudar, ler, escrever, dentre tantas outras interdições a que eram submetidas, inclusive, sobre as violências simbólicas quando seus textos são destruídos e são chamadas de loucas por escreverem.

Ao relatar as suas histórias, as escritoras de Alagoínhas silenciadas, não estão narrando qualquer história, elas estão relatando aquilo que as marcaram, o que de fato contribuiu para a sua constituição/formação de escritoras. Os relatos representam a sua experiência no mundo, do seu conhecimento no mundo e sobre o mundo, as suas falas são sinônimos da expressão de um saber, saber esse que foi adquirido no espaço e tempo em que a vida o levou a vivenciar.

Nesse sentido, a autobiografia das escritoras torna-se um processo de autocrítica que revela tanto o conhecimento das “marcas de um corpo”, como parte de uma realidade coletiva, tematizados por vezes em seus poemas, contos, cordéis, entre outros gêneros, quanto às possibilidades de tomadas de outras posições.

Nesse sentido é que buscamos, com esta pesquisa Verificar como as narrativas autobiográficas das escritoras de Alagoínhas enquanto construto da (auto) formação dos sujeitos femininos criam condições para a (re) significação da sua história de vida.

Buscando estudar as estratégias textuais utilizadas por escritoras subalternas e consagradas, visando uma reflexão crítica sobre tais processos, uma descrição do processo do ateliê autobiográfico das escritoras de Alagoínhas; refletindo acerca da “escrevivência” das

escritoras de Alagoinhas enquanto condição para sua ação e reflexão acerca da sua própria história de vida.

Assim tomaremos como recursos metodológicos análise do referencial teórico e pesquisa de campo. Esta pesquisa de campo se dará por meio de um curso utilizando das entrevistas narrativas e ateliês (auto)biográficos como instrumentos de investigação e coleta de dados, os ateliês serão elaborados tomando como base os modelos apresentados pela autora Delory-Momberger na obra intitulada *Biografia e Educação* (2006).

Desse modo, busca-se através de ateliês autobiográficos o estudo das estratégias textuais utilizadas por escritoras subalternas, a exemplo de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo tomando-as como parâmetro dessa escrevivência, assim é importante verificar como essas escritoras se ressignificam nesse contexto capitalista, de valores individuais e que solicita uma participação cidadã também na literatura, visamos assim, uma descrição do processo desses encontros, uma teorização sobre a “escrevivência” das escritoras de Alagoinhas, criando condições para que estas através da ação e reflexão sobre os seus textos possam não só dizer sobre suas dores, mas resignificá-las.

Dito isto nos perguntamos de que forma as narrativas autobiográficas das escritoras de Alagoinhas contribuem para a (auto) formação dos sujeitos femininos possibilitando uma resignificação dos seus textos vidas?

REFERÊNCIAS

BUENO, Belmira Oliveira. *O método auto-biográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 28, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

KLINGER, Diana. *Escrita de si como performance*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/revista/2008/12/25/download>. Acesso em 12 de dez. de 2013.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 38-86.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

PERÉZ, Carmen Lúcia Vidal. Histórias de escola e narrativas de professores: a experiência do GEPEMC. Memória e cotidiano. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006. p. 177-187.

RUFFATO Luiz, Minhas memórias dos outros. In: MARTINS, Anderson Bastos; SOUZA, Eneida Maria; TOLENTINO, Eliana da Conceição (Org.) *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006. p. 135-147.